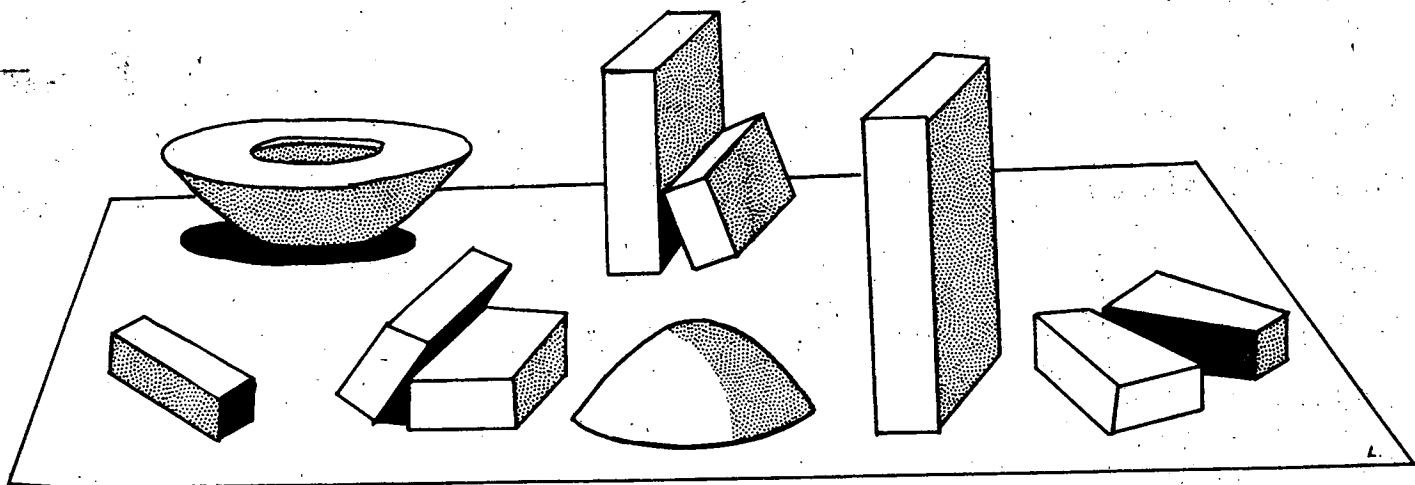




Desorientação gera, no Congresso, minipartidos

JOÃO EMILIO FALCÃO
da Editoria de Política

Desarvorados, sem orientação, os 479 deputados estão divididos em grupos e grupelhos, que vão desde os partidários dos presidencialistas até os que se unem para jogar peladas no fim de semana, passando pelo "carne-de-sol" dos deputados nordestinos do PMDB.

Os grupos nascem com a maior facilidade, desde um simples encontro no café da Câmara, florescem com a insatisfação e a indefinição generalizadas, e morrem rapidamente a partir do momento em que a imprensa os esquece.

Às vezes, o novo bloco surge pela necessidade de afirmação de um parlamentar, inconformado com seu desprestígio junto aos líderes, aos governadores ou presidente. A base de todo novo grupo que se forma é um jantar oferecido "aos companheiros para uma troca de idéias".

MALUF

A rigor, o Congresso Nacional só tem hoje dois grandes grupos: os malufistas e os anti-malufistas. Em torno do ex-governador paulista é que são travadas as maiores discussões, aprofundadas ou desfeitas as amizades. O malufismo é um bloco interpartidário, sem ideologia, sem princípios, mas com objetivo: chegar à Presidência da República.

Os outros presidencialistas não chegam a ter facções, o vice-presidente Aureliano Chaves é o que tem maior simpatia, mas apenas o deputado Humberto Souto (PDS-MG) faz inflamados comícios a seu favor. A proporção que foi dinamizado o processo sucessório, a divisão entre os blocos presidencialistas do PDS vai tornar-se nítida:

Paulo Maluf x presidente Figueiredo e o resto.

O deputado Homero Santos (PDS-MG), vice-presidente do PDS, observa, ironicamente, que no PDS há três grupos, um contra o Presidente da República, outro neutro e o terceiro a favor. Deste, o principal expoente é o vice-líder Jorge Arbage (PA), um dos raros a acreditar que cabe ao presidente Figueiredo coordenar e decidir a sucessão quando for conveniente, conforme delegação do PDS.

OS PROTESTADORES

Os grupelhos são vários, em todos os partidos. No PDS, por exemplo, o deputado Gerson Peres (PA) está anunciando uma reunião de 109 parlamentares, dos Estados em que as oposições venceram as eleições. A finalidade será pressionar o Governo para fazer com que os recursos e os empregos federais sejam entregues e repassados através dos parlamentares pe-dessistas.

Na última quinta-feira, o deputado Peres esteve com a ministra da Educação protestando contra a perseguição que o Governo paraense fez às professoras eleitoras do PDS. Peres entende que se o Presidente da República não discrimina entre os governadores, estes não têm o direito de fazê-lo em relação aos prefeitos e funcionários. Deixou o Ministério com vaga promessa de apoio.

Os primeiros a reagir foram os deputados mineiros, preocupados em evitar que o governador Tancredo Neves conseguisse o apoio de ex-pessadistas. Os mineiros não obtiveram o que pretendiam, mas despertaram a atenção das outras bancadas.

SUGESTÕES

No início da Legislatura, o deputado Paulo Lustosa anunciou a criação de um grupo de independentes, que exigiriam maior participação no Governo. Ele chegou a dizer ao Presidente da República que os parlamentares não podiam aprovar prato-feito, como o decreto-lei que reformou a política salarial, sem ter o direito sequer de apresentar sugestões.

Esse grupo ficou na audiência e nas entrevistas de Paulo Lustosa que tenta, agora, criar um bloco do Nordeste, que atuaria de acordo com as necessidades da região. O deputado Lúcio Alcântara (PDS-CE) propôs ao PDS que o Nordeste fosse examinado por uma Comissão Especial. A dificuldade foi escolher os integrantes porque todos a desejavam, mas ficou decidido que a Comissão não criaria dificuldades para o Governo.

LIBERDADE

A estrutura dos blocos na Câmara é muito particular. O senador Marcondes Gadelha (PDS-PB), por exemplo, foi um dos principais líderes do Grupo Autêntico do MDB, de profunda influência no processo de democratização, mas hoje, pelas alternativas políticas, é importante defensor do Governo do presidente Figueiredo.

Isso ocorreu recentemente, em maiores proporções, com o Grupo de Ação Participativa, lançado com grande estardalhaço pelos deputados Afrísio Vieira Lima (PDS-BA), Hugo Mardini (PDS-RS) e Humberto Souto (PDS-MG). O princípio fundamental era de independência entre todas as candidaturas da Presidência da República para que escolham, por maioria, o que melhor atender às necessidades brasileiras.

Anunciou-se que o Grupo teria, desde o início, 50 integrantes. Não são conhecidos dez. O deputado Humberto Souto já-mais votará contra o Vice-presidente Aureliano Chaves, de cuja candidatura é defensor intransigente. O deputado Afrísio Vieira Lima é tido como malufista, apesar de não o declarar. O Grupo de Ação Participativa perdeu seu princípio básico.

CARNE-DE-SOL

No PMDB surgiu, oficialmente, o Carne-de-Sol, idealizado pelos deputados Agenor Maria (RN) e Wall Ferraz (PI), impressionados com a apatia do comando do Partido. A intenção era reunir os 50 parlamentares oposicionistas do Nordeste para uma tomada de posição, mas compareceram ao encontro oficial somente oito deputados.

O deputado Brabo de Carvalho (PMDB-PA) está procurando fazer o mesmo com os deputados oposicionistas do Norte. Houve uma reunião e nada mais. Latente está a divisão entre PP e PMDB. Os primeiros são acusados pelos radicais do PMDB de responsáveis pela acomodação do Partido, com o que não concordam.

O PDT, com 23 deputados, repete o drama do PDS. Os três deputados que não foram alocados pelo governador Leonel Brizola estão a criticá-lo, chamando-o de nazista, o que é um xingamento muito sério na área socialista. O grupo que poderá se dissolver com a nomeação de uma professora ou pouco mais. Como os outros blocos de todos os Partidos. Vão permanecer, por enquanto, os grupos dos presidencialistas que podem chegar à Presidência da República.